

O ANTISSEMITISMO FATAL

Uma análise do livro nazista *O Cogumelo Venenoso* à luz da teoria crítica

*RAQUEL CUNHA DA COSTA **

*MAURICIO RODRIGUES DE SOUZA ***

The deadly anti-semitism: the poisonous mushroom analysis in light of critical theory

RESUMO: *O Cogumelo Venenoso* é um livro nazista escrito por Ernst Hiemer e símbolo da propaganda direcionada ao público infantil. Seu principal intento é o de como identificar a figura do judeu. Assim, este artigo objetiva analisar o antissemitismo presente na obra nazista a partir da ótica de Adorno e Horkheimer em *Os Elementos do Antissemitismo* de 1947 para refletir acerca dos mecanismos psicológicos e sociais presentes nessa obra permeada pelo ódio.

PALAVRAS-CHAVE: História. Antissemitismo. Teoria Crítica.

ABSTRACT: *The Poisonous Mushroom* is a nazi book written by Ernst Hiemer, and symbol of propaganda aimed towards children. It's main intent is one of how to identify the supposedly jew figure. This article objective is to analyze the anti-semitism present in *The Poisonous Mushroom* through Adorno's and Horkheimer's 1947 work, specifically *Elements of Anti-semitism*, to ponder about the current psychological and social mechanisms that permeate this opus of hatred.

KEY-WORDS: History. Anti-semitism. Critical Theory.

* Psicóloga clínica e mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia na linha de Psicanálise — teoria e clínica da Universidade Federal do Pará. Pesquisa doutrina e ascensão nazista a partir da psicanálise freudiana.

** Doutor em Psicologia e Professor Associado III junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia).

INTRODUÇÃO

Este é um tempo de raios sem trovão,
Tempo de vozes incompreendidas,
De sonos inquietos e vigílias vãs.
Companheira, não se esqueça dos dias
De silêncios fáceis e demorados,
Das estradas noturnas e amigas,
Das meditações serenas,
Antes que as folhas caiam,
Antes que o céu se feche,
Antes que de novo nos desperte,
Conhecida, em frente às nossas portas,
A batida dos passos de ferro.

(Primo Levi, 1949)

O século XX é conhecido como o período das massas, no qual elas se tornam alvo central das elaborações políticas. Sua opinião, aceitação ou discordância são fundamentais para a eleição, manutenção e derrubada de um regime. É pensando nisso que diversos Governos planejam suas estratégias e, herdando a espetacularização da política utilizada desde a implementação dos primeiros impérios do ocidente, erguem sua máquina de propaganda que chega até as massas levando alguma mensagem.

No caso do nazismo, sua propaganda ajuda a montar o olhar a respeito do próprio movimento e a instrumentalizar as

massas para um fim. No presente artigo, trazemos um dos materiais de propaganda concebido pelo nazismo, a saber, o livro *O Cogumelo Venenoso* de Ernst Hiemer publicado pela primeira vez em 1938.

Pretendemos, portanto, refletir sobre os mecanismos antissemitas presentes nessa obra por intermédio do texto *Os Elementos do Antissemitismo* de Theodor Adorno e Max Horkheimer, de 1947. Isso tudo incentivado pela urgência de debates e reflexões de uma sociedade onde ainda abundam o racismo, a xenofobia, o preconceito religioso e tantas outras violências que se destacam todos os dias em um tempo onde impera o ódio ao outro, o conservadorismo e onde ideias radicais como o nazismo são resgatadas. Para isso, faremos a seguir uma viagem pelas vias da história do antissemitismo moderno, pela estrutura do cogumelo venenoso, pela teoria adorniana que dá vida ao texto do antissemitismo aqui suscitado e, enfim, uniremos a obra propagandística a uma análise específica do antissemitismo contido nela.

PERCURSO DO ANTISSEMITISMO

É difícil precisar o momento da gênese do antissemitismo que, tão extenso ao longo de todos esses anos de história da humanidade, pode se confundir com o próprio Gênesis hebreu sempre ameaçado por povos vizinhos. Essa reflexão é como tentar descobrir quem veio primeiro, se foi o povo ou o sentimento de ódio ao outro e, por meio dele, criada a segregação e a identificação com um grupo. Por isso, é importante mergulhar nas águas de onde saiu o povo judeu e sua religião chamada de mosaica por causa de um de seus maiores precursores: Moisés (מֹשֶׁה), aquele saído das águas.

Há mais de cinco mil anos, nas terras desérticas próximas ao vale do rio Jordão, encontrava-se espalhado um povo nômade de origem semita que estava cercado pelo reino do Egito, da Assíria e da Babilônia. A estreita faixa de terra em que viviam era ponto

estratégico para os principais reinos de sua região e, por causa de tantas especificações como essas, era muito difícil manter a autonomia e liberdade do povo hebreu que se localizava no centro geográfico de uma série de infindáveis conflitos¹. Diante desse cenário, surge a esperança em um Messias que enfim libertaria os hebreus de tão grande padecimento e, a partir daqui, há o delineamento das promessas de Sua chegada.

Anos se passaram e com eles muitas idas e vindas da terra onde costumavam habitar ocorreram. Ora por fome², escravidão ou conflitos. Até que por volta de 950 a. C., anos após o retorno do Egito, onde haviam sido escravos, um templo (*Beit Hamiqdash* – בֵּית־הַמִּקְדָּשׁ) é erguido em Jerusalém sob o reinado de Salomão para abrigar a arca da aliança com as tábuas sagradas³. Esse será um marco no estilo de vida desse povo que vivia como nômade, percorrendo vários lugares da

¹ SCHILLING, Voltaire. *Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista*. Porto Alegre: Age Editora, 2016.

² O povo hebreu vai ao Egito, escapando de uma grande fome, figurado por Jacó e seus doze filhos que são conhecidos como os patriarcas das doze

tribos de Israel a fim de pedir alimento. Para entender a história, ler o livro de *Beresbit* (Gênesis), ou primeiro livro da Torá judaica.

³ Além disso, era local da reunião do chamado Grande Sinédrio, a saber, a assembleia composta por 23 juízes hebreus, uma vez que se vivia em uma espécie de monarquia teocrática (SCHILLING, 2016).

região para fugir de conflitos e dos mais diversos estímulos aversivos, e guardava sua arca em um tabernáculo. A partir desse feito, inicia-se a transição para um estilo de vida sedentário⁴.

Há anos da construção do imponente Primeiro Templo, os hebreus foram cativos na Babilônia e, por consequência, o símbolo físico de sua fé e da identidade daquele grupo fora arrasado. Esse cativo se arrasta por longos sessenta anos até o retorno do povo a Jerusalém e o reerguimento do que será conhecido como o Segundo Templo.

Certo tempo, a unidade do povo do reino de Israel⁵ entra em colapso, logo após o período de regência de Salomão, e racha em duas partes: reino de Israel ao norte e Judá ao sul. É fato, então, que tal separação abre caminho, a partir de agora, para uma série de invasões na região, dentre as quais visualizamos uma das mais emblemáticas: a romana. Domínio romano este cuja presença não só é permitida por intermédio de uma dispersão local do antigo reino único de Israel, mas que,

em consequência de sua chegada realiza o feito que galga a escalada da diáspora⁶.

Nesse tempo, diversas rebeliões judaicas se iniciam contra aqueles que, em cultura e fé completamente divergentes, profanavam não só o solo sagrado, mas símbolos como o templo. Uma dessas revoltas incita a ira do general Tito Flávio que ordena a terceira destruição do templo. Em uma das últimas rebeliões contra o projeto de helenizar Jerusalém, um grande número de judeus foi brutalmente assassinado e dispersado. Assim, aqueles que restaram disso decidiram ir embora dali após a visão de tanta violência colonizadora e de manifestações duramente sufocadas que culminaram na solução extrema do suicídio coletivo de Massada⁷, por exemplo. Acontecimento este que se prestava a ser como um protesto ao cerco romano de Jerusalém e uma oposição às ameaças de escravidão dispensadas aos manifestantes. Nisso, há um verdadeiro clamor por um Salvador que viesse em socorro do povo judeu e restaurasse o templo, assim como os livrasse do

⁴ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

⁵ Chamado assim em decorrência do pai das doze tribos que de Jacó teve seu nome trocado por Deus para Israel.

⁶ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

⁷ Para um debate aprofundado, consultar os escritos do historiador Flávio Josefo em *A Guerra dos Judeus* (75 d.C.) e as críticas e revisões de seu trabalho.

jugo das terras vizinhas e de seus invasores, como Roma⁸.

Em meio a tudo isso, surge o cristianismo como “seita dissidente” (*secta dissidente*) do judaísmo por seu tronco na doutrina mosaica, assim como pelos primeiros adeptos de origem judaica. Apesar de enfrentar grande perseguição e dificuldade, essa religião que surgia ainda incipiente em um momento de súplica por um libertador divino, social e político que restaurasse o grande reino de Israel, terá uma parte da responsabilidade atrelada a si na sorte do povo judeu exilado⁹.

Indo embora dali, dois fluxos se formam: um em direção à Europa (*Asbkenazi* – אַשְׁכְּנַזִּי) e outro em direção ao norte da África e Península Ibérica (*Sefaradi* – סִפְרָדִים). Aqui adentramos um novo capítulo da história judaica, a aurora da época medieval.

Em um novo cenário, os judeus se veem na condição de “errantes”¹⁰ e transformam-se em grupo minoritário que cria ser “escolhido” por D’us e em cima disso ergue sua identidade no exílio¹¹, bem longe de suas

terras de origem, em uma tentativa de dirimir a falta de rumo e de identificação grupal.

O contexto agora permite novos desafios e nesse caminho o maior conflito é marcado pelo choque com os cristãos, dentre todos os povos gentios¹². A nova religião, que se expande a partir da adoção romana a ela e da relação política que estabelece, antagoniza os judeus pelo discurso que os identificava enquanto assassinos de Cristo (deicídio) e, por isso, eram também um “povo maldito”¹³ a quem eram atribuídas características igualmente funestas, ou seja, do próprio diabo, inimigo máximo do cristianismo, portanto, o maior insulto que esses poderiam elaborar. Nesses termos, vemos o desenvolvimento da crença em uma suposta conspiração semita que objetiva trazer o cristianismo abaixo e, logo, notamos que na origem das manifestações antissemitas está a xenofobia e o medo do estrangeiro que se refugiava em suas terras¹⁴. Sendo esse elemento desconhecido, aqueles que os avistam de longe fantasiam e tecem suposições sobre os intentos judeus.

⁸ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

⁹ WISTRICH, Robert. *Hitler y el holocausto*. México: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015; SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

¹⁰ Ibid.

¹¹ WISTRICH, Robert. Op. cit., 2015.

¹² Termo usado para designar pessoas de origem não-judaica.

¹³ WISTRICH, Robert. Op. cit., 2015.

¹⁴ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

Por consequência de tudo isso, a ideia de dignidade é, assim, desassociada da imagem do judeu porque muitos desses se dedicam aos negócios financeiros, como a usura, já que tais atividades eram vetadas aos cristãos¹⁵. No entanto, a maioria é composta de profissionais muito pobres, como alfaiates (*Schneider*), sapateiros (*Schumacher*), marceneiro (*Zimmer*), ferreiros (*Haddad, Ferreira, Ferraz*), dentre tantos outros que terão seus nomes reconhecidos por isso no futuro. Sendo assim, os judeus que se aventuraram nas finanças tomaram, por vezes, lugar importante junto aos cristãos, já que eles precisavam dos empréstimos feitos a essas figuras devido ao difícil acesso aos bancos¹⁶.

Ainda na Idade Média, os judeus são recolhidos da sociedade em *juderías/ Judenhof/ Judenviertel*¹⁷ ou *Ghetto*¹⁸ e, por vezes, marcados em suas vestimentas com símbolos ou

roupas específicas como chapéus cônicos¹⁹. Entretanto, havia mais do que isso esperando o momento de surgir e potencializar o sentimento antijudaico, porque agora tudo se engrandecia frente às cruzadas. Lá fora a luta era contra o Islamismo ao passo que dentro de seus territórios era o Judaísmo²⁰.

Assim se deram os primeiros *pogroms*, movimentados por cavaleiros cruzados que antes de partir experimentavam suas violências e espadas nos judeus²¹. As motivações não podiam ser outras senão aquelas derivadas das primeiras crenças de deicídio e conspiração anticristã. Além delas, assoma-se a ideia de assassinato ritual de crianças²² fazendo alusão, de maneira errônea, aos antigos holocaustos santos e ao ato de sangrar o animal de acordo com o abate *Kosher*²³, como um costume estranho aos não-judeus que viviam avizinados aos judeus.

¹⁵ PEREIRA, Wagner. Prefácio à edição brasileira: nazismo e o inimigo judeu. In: HERF, Jeffrey. *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a segunda guerra mundial e o holocausto*. São Paulo: Edipro, 2014, p. 13-34.

¹⁶ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

¹⁷ Denominações da Ibéria e Alemanha.

¹⁸ Vocábulo de origem italiana para designar o mesmo que *Judería*, ou seja, um aglomerado de residências judaicas confinadas em uma região.

¹⁹ Vários decretos pregavam tais medidas, mas é necessário destacar aqui o IV Concílio de Latrão

de 1215 e o Concílio de Viena de 1267 (SCHILLING, 2016).

²⁰ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

²¹ Ibid.

²² Uma consequência disso foi o caso do assassinato ritual de Simão de Trento (1475), criança cuja culpa de morte recaiu sobre os judeus que, supostamente, teriam usado seu sangue para fazer pães sem fermento de páscoa. O garoto foi canonizado e o povo semita severamente punido (PEREIRA, 2014).

²³ Regras alimentares do judaísmo.

Ainda mais fundo, encontramos a acusação de profanadores da hóstia cujo principal intento seria o de crucificar Cristo mais uma vez, e o do judeu errante a partir da figura de *Abasverus*, personagem que teria importunado Jesus no caminho de sua via dolorosa e esse teria o condenado a vagar pelo mundo até Sua volta²⁴. Agora, tendo isso em vista, há um sem-número de violências²⁵, assassinatos e expulsões de judeus dos locais onde costumavam viver, tudo assistido pelas lideranças políticas e religiosas do momento.

Anos depois do período médio, situemo-nos, pois, na época de irrompimento iluminista, na qual a ideia difundida de igualdade permite certa emancipação judaica, inclusive no período de Revolução na França. Porém, ao caminharmos para o fim do século XIX, deparamo-nos com o caso Dreyfus que traz à cena francesa uma divisão que desnuda a esquerda e a extrema-direita e estimula uma onda antijudaica. Em vista disso, muitos manifestam o desejo de voltar à Palestina e assim

nasce o pensamento sionista político moderno, encabeçado, inicialmente, por Theodor Herzl. Para ele, era impossível uma assimilação e, mesmo em um tempo herdeiro do racionalismo e da Revolução Francesa, havia certo rogo em nome da “morte aos judeus” que não permitia paz. Apesar dos grandes saltos dados pelo pensamento político, filosófico e científico, os anos de virada para o século XX apresentam uma série de ideias semelhantes ao ódio antijudaico desenvolvido ao longo da história, mas com características próprias das justificativas científicas e políticas de seu tempo²⁶.

Assim despertou o antisemitismo²⁷ moderno, inspirado pelas teorias racistas, como a eugenia de Francis Galton, inspirado na seleção natural de Charles Darwin, a partir de 1883, para citar a mais famosa delas²⁸. Aliado a isso estava a orientação política nacionalista, a partir da qual o judeu não é visto com bons olhos, posto que não tem seu sangue ligado à terra onde está. Aqui é dado tudo

²⁴ PEREIRA, Wagner. Op. cit., 2014.

²⁵ A Inquisição pode ser aqui incluída, pois teve papel importante na violência antijudaica.

²⁶ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

²⁷ Termo cunhado em 1873 pelo estudioso Wilhelm Marr em substituição à expressão “ódio ao judeu” (SCHILLING, 2016).

²⁸ COSTA, Raquel. Este artigo sangra história: a mentalidade da sobrevivência em Maus de Art Spiegelman. *Revista Poder & Cultura*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 295-322, 2020.

pela pátria e aquilo que não ajudar no ideal patriótico é mal visto. Portanto, o estrangeiro judeu era odiado e tido como parasita, honrando a tradição desse pensamento científico antisemita.

No instauro da República de Weimar na Alemanha, as sanções antisemitas do antigo regime foram derrubadas, provocando um melhor posicionamento dos judeus na sociedade alemã. A despeito do afrouxamento burocrático em direção aos judeus, os nacionalistas de extrema-direita associam a sorte judaica à derrota na Grande Guerra naquele novembro de 1918, como se essa suposta bonança decorresse da guerra²⁹. Com a quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a consequente Grande Depressão, o cerco se fecha ainda mais e o ódio cresce ao ponto de haver um apelo a uma solução autoritária e fascista: o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), o partido nazi.

²⁹ SCHILLING, Voltaire. Op. cit., 2016.

³⁰ O partido nazista (NSDAP) ganha maior expressividade parlamentar após as eleições de 1932 e Hitler chega ao poder a partir de manobras políticas importantes, proporcionadas por essa expressividade de seu partido (WISTRICH, Robert. Op. cit., 2015).

NOTAS SOBRE O COGUMELO VENENOSO

No ano de 1938, o governo alemão já subsistia há cinco anos³⁰ sob a autoritária batuta de Adolf Hitler, e o antisemitismo se intensificara de tal forma que as violências já eram de ordem legislativa por meio das Leis de Nuremberg³¹, tornando a exclusão social ainda mais evidente. Naquele ano, mal sabiam os judeus que a mão do nazismo pesaria sobre eles na Noite dos Cristais Quebrados (*Kristallnacht*) e no início das deportações para campos de concentração.

No mesmo ano ainda, o nazismo já havia invadido toda a vida social alemã, bem como seu imaginário e sua formação de identidade. Destarte, não seria novidade a elaboração de uma quantidade significativa de material de propaganda do ideal do Terceiro Reich³². Assim foi com um livro infantil publi-

³¹ Um conjunto de leis que retirava o direito à cidadania dos judeus das mais diversas formas. Para um aprofundamento na temática consultar o livro *Bloodlines: recovering Hitler's Nuremberg laws from Patton's trophy to public memorial* de Anthony Platt e Cecilia O'Leary.

³² ROSENBERG, Matthew. *Fantasy and Hate: a fantasy theme analysis of der Giftpilz*. 2014. Dissertação

cado por um membro do partido nazista chamado Julius Streicher, fundador do jornal antissemita *Der Stürmer* e um dos principais elementos da propaganda do NSDAP. A obra tinha por nome *O Cogumelo Venenoso (Der Giftpilz)* e foi escrita por Ernst Hiemer.

O livro discute a solução nazista para a “Questão Judaica”. No conteúdo dessa problemática encontramos um elemento racial a respeito do que deveria ser feito com os judeus, pois nesse raciocínio o judaísmo é como um problema que precisa ser resolvido. No alemão se apresenta como “*Judenfrage*”³³ onde o termo “*Frage*” pode adotar a função do vocábulo “questão” em português que pode significar um elemento a ser examinado e discutido³⁴. A questão é, portanto, como um imperativo necessário para a sobrevivência do povo germânico.

Mirando no público infantil do *Reich*, o livro emprega elementos narrativos que visam imprimir nas crianças uma moral nazista. Assim como oferecem elementos para uma identificação dos leitores com as

histórias exibidas, a fim de plantar uma identidade cultural alemã desde os cidadãos mais jovens. A ideia era dar ferramentas para identificar o personagem central do livro, ou seja, o judeu³⁵.

O livro é dividido em dezessete capítulos contendo cada um deles mininarrativas, ou pequenas histórias, compondo uma narrativa total que almeja expressar uma grande mensagem que constrói a ideologia nazista a partir da visão antissemita. Além disso, a obra tem por intuito instrumentalizar crianças em idade escolar dentro de suas próprias instituições.

No capítulo um, intitulado *O Cogumelo Venenoso (Der Giftpilz)*, somos apresentados ao coração temático do livro, como um resumo daquilo que irá se apresentar. Ele explica a ideia por trás do nome escolhido para a obra nos seguintes termos: “Olhe Franz, assim como as pessoas do mundo são os cogumelos na floresta. Há bons cogumelos e boas pessoas também. Porém, há também aqueles que são venenosos, cogumelos maus e pessoas más. Nós devemos nos manter vigilantes

(Estudos Interdisciplinares em Artes) – Oregon State University, Oregon, 2014.

³³ HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nürnberg: Stürmer Verlag, 1939, p. 8.

³⁴ LANGENSCHIEDT. *Langenscheidt Praktisches Wörterbuch*. München: Wörterbuch-Verlag, 2015.

³⁵ ROSENBERG, Matthew. Op. cit, 2014.

para com as pessoas más assim como fazemos com os cogumelos venenosos [...]”³⁶. Nessa ideia, por causa do cogumelo venenoso que pode intoxicar uma família inteira, é necessário saber diferenciar os bons cogumelos para não ser envenenado.

Em *Como Reconhecer um Judeu* (*Wie man einen Juden erkennt?*), o autor ensina por meio de outra pequena história sobre as características físicas – nariz judeu, lábios inchados, sobrancelhas grossas e carnudas³⁷ e etc. – que podem servir para identificar os judeus³⁸. Em seguida, Hiemer³⁹ conta em *Como os Judeus Vieram a Nós* (*Wie die Juden zu uns gekommen sind?*) por meio da alusão a assimilação dessa comunidade aos povos do ocidente, o que torna esse povo semelhante aos alemães em tudo que fazem⁴⁰.

Entretanto, na tentativa de deixar o argumento ainda mais verdadeiro, o autor se utiliza de um elemento interno ao próprio judaísmo, o *Talmud*⁴¹ (תלמוד). Daí entramos em uma sinagoga onde um personagem aprende

o que significa pensar como um judeu. Assim, trechos do texto sagrado do judaísmo são modificados para mostrar como o pensamento judeu é uma antítese para a ideologia nazista. O nome do capítulo é *O que é o Talmud?* (*Was ist der Talmud?*).

Mais além, temos o capítulo de nome *Por que os judeus se permitem ser batizados?* (*Warum lassen sich Juden Taufen?*) cuja principal tese é a de explicitar que um judeu nunca deixará de ser judeu. Em *Como um camponês alemão foi retirado de sua casa e fazenda* (*Wie ein deutscher Bauer von Haus und Hof geleitet wird*) o autor aborda uma suposta “ganância judaica” acreditada pelos nazistas, na qual um fazendeiro alemão é forçado a vender sua propriedade e tem sua fortuna perdida sob a influência de um banqueiro judeu. Reforçando, dessa maneira, a associação antijudaica histórica entre judeu e capital financeiro, que é imediatamente abordada no capítulo subsequente (*Como os negociantes judeus enganam – Wie jüdische Händler betrogen*) no qual um mascate judeu

³⁶ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939, p. 7.

³⁷ *Jüdische Nase, die Lippen aufgeblasen, die Angebrauen sind meist dicker und fleischiger.*

³⁸ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Texto importante para o judaísmo rabínico que é composto por uma compilação de transcrições e estudos sobre a Lei Oral dada por D’us a Moisés no Monte Sinai. Integra as seguintes partes: *Mishná*, livro em hebraico sobre a lei judaica e a *Guemará*, em hebraico-aramaico, que comenta a parte anterior.

tenta negociar – e enganar, de acordo com a visão nazista – com uma jovem alemã e sai irritado ao falhar em sua venda, uma vez que a moça o reconheceu enquanto judeu⁴².

Na sequência (*A Experiência de Hans e Else com um Homem Forasteiro – Die Erfahrung von Hans und Else mit Einem fremdem Mann*), temos a figura de um médico judeu como aliciador que oferece doces a duas crianças e pede para as duas o acompanharem. Porém, é preso e o clima consequente é de grande alegria na família dos pequenos⁴³. Logo, a figura do judeu é destacada enquanto um assediador na figura de um médico. O argumento levantado é o de que alemães não podem se consultar com médicos judeus, pois esses, além de perigosos para a “honra” das garotas, supostamente transmitiriam doenças a fim de “destruir” o povo alemão, como que previamente planejado em um complô. Tudo isso fica claro na *Visita de Inge a um Médico Judeu (Inges Besuch bei einem Jüdischen Doktor)*⁴⁴.

Depois dessa mininarrativa, vemos que na crença nazista o judeu não dispensa bons tratamentos aos alemães, podendo, inclusive, escravizar os seus funcionários. Na

história, Rosa desembarca na estação do lugar onde conseguira um emprego e conta que um homem a esperava, descrevendo-o como alguém gentil. Porém, a imagem é imediatamente desfeita ao colocar um “mas” (*aber*) adversativo para dizer que ela percebeu, de repente, que era um tipo judeu que a aguardava. Assim: “Um homem esperava por mim na estação. Ele tirou seu chapéu e foi muito gentil comigo. Mas logo percebi que ele era judeu”⁴⁵, como se gentileza e judaísmo fossem antitéticos.

Em *Como duas Mulheres Foram Enganadas por Advogados Judeus (Wie zwei Frauen von einem Jüdischen Rechtsanwalt hereingelegt wurden)*, dois advogados agem maldosamente a fim de tomar uma boa quantia de dinheiro, mais uma vez trazendo a crença medieval entre dinheiro e judaísmo para em seguida resgatar outra lenda antissemita histórica, a saber, a dos assassinatos rituais relacionada à lei *Kosher* de sangramento animal (*Como os Judeus Maltratam os Animais – Wie die Juden Tiere quälen*). Na ideia

⁴² HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

⁴⁵ Ibid., p. 34 [tradução nossa].

nazista, o ato de sangrar o animal evidencia o ato ritual, supostamente, ainda presente⁴⁶.

No capítulo seguinte, *O que Cristo Disse Sobre os Judeus?* (*Was Christus über die Juden sagte?*), entendemos a ideia religiosa por trás do antissemitismo propagandístico do livro. Nele, Jesus foi morto por expor “a verdade” sobre os judeus. Mesmo judeu, rebelou-se contra a comunidade e os amaldiçoou. O autor diz ainda, por meio desta historietta, que o Messias teria dito que os judeus seriam filhos do demônio, sendo por esse fato os herdeiros de tão grandes atos ruins⁴⁷.

Seguido disso, vemos uma série de três capítulos pequenos, os quais são: *A Riqueza é o Deus dos Judeus* (*Reichtum ist der Gott der Juden*), *Como o Trabalhador Hartmann se Tornou um Nacional Socialista?* (*Wie wurde Arbeiter Hartmann ein Nationalsozialist*) e *Existem Judeus Decentes?* (*Gibt es anständige Juden*). O primeiro recapitula a associação entre judaísmo e ganância, o segundo critica o comunismo dizendo que ele não se importava com as questões de cunho nacional, logo desprezava a causa nacionalista. Enquanto isso, o último dos três, ambiciona por provar que mesmo os judeus

que estiveram ao lado dos alemães durante a primeira Grande Guerra, ou aqueles que se assimilam em quase tudo no âmbito social, não são decentes, pois não pelejam pela Alemanha, mas antes apoiam a revolução a nível internacional⁴⁸.

Enfim, no último capítulo (*Sem uma solução para a questão judaica, não há salvação para a humanidade – Ohne die Lösung der Judenfrage gibt es keine Rettung der Menschheit*), há uma exaltação de elementos do movimento nazista, bem como de alguns de seus líderes. Apesar disso, a “Questão Judaica” ainda pede por uma solução ao fim do livro e o autor chama por ela ao dizer que a pátria alemã só se libertará ao se livrar do judeu. Ao final, Julius Streicher é parafraseado na obra de Hiemer, que diz: “Aquele que luta contra o judeu está lutando contra o diabo”⁴⁹.

ADORNO E OS ELEMENTOS DO ANTISSEMITISMO

Publicado em 1947, o texto da *Dialética do Esclarecimento* foi concebido entre 41 e

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

⁴⁹ Ibid., p. 54.

44. *Os Elementos do Antissemitismo*, que trata sobre os limites do conceito principal explorado no livro, o esclarecimento, possivelmente teria sido adicionado tardiamente ao conjunto, já que no ano em que seus esboços estavam prontos, em 1942, ele não estava contido⁵⁰. A obra é um resultado do "projeto sobre a dialética" sonhado por Horkheimer. Nessa empreitada vários autores colaboraram e aqui cabe lembrar que um deles, Löwenthal, ajudou na construção do texto do antissemitismo⁵¹.

O capítulo intitulado *Elementos do Antissemitismo*, é o quinto capítulo do livro e possui sete partes, ou teses, dentre as quais as três primeiras (I, II e III) tratam sobre “[...] o antissemitismo moderno, capitalista e, em particular, sua culminação nazista [...]”⁵²; a quarta (IV) fala da dimensão religiosa do antissemitismo e cita a obra freudiana *Moisés e o Monoteísmo* e os seus desdobramentos no mo-

derno antissemitismo; nas duas teses subsequentes – V e VI – há a elaboração filosófica de uma suposta pré-história do antissemitismo; já a última delas (VII), incluída no ano de 1947, faz um entrelaçamento entre nacional-socialismo e antissemitismo.

A obra adorniana que abarca o texto do antissemitismo aborda discussões acerca do motivo pelo qual a sociedade, em lugar de caminhar para um estado de maior humanidade, está caminhando em direção à barbárie. Para isso, traz-se o conceito de esclarecimento, que é importante ao texto do antissemitismo, associado ao conceito de mimese. Uma vez que a teoria crítica está assentada sobre pilares marxistas e psicanalíticos, vale a pena lembrar as raízes freudianas que ajudam a construir o conceito de mimese.

Para Adorno e Horkheimer⁵³, o esclarecimento diz respeito ao desencantamento do mundo, ou seja, substituir os mitos

⁵⁰ SILVA, Eduardo; CAUX, Luíz. Uma pré-história filosófica do antissemitismo: Adorno e Horkheimer sobre a genealogia do ódio antissemita. *Problemata: International Journey of Philosophy*, Paraíba, v. 10, n. 4, p. 255-272, 2019.

⁵¹ COSTA, Virginia. Idiosincrasia, mimese e antissemitismo em “dialética do esclarecimento”. *Sofia*, Vitória, v. 5, n. 2, p. 463-474, 2016.

⁵² SILVA, Eduardo; CAUX, Luíz. Op. cit., 2019, p. 256.

⁵³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

e a imaginação que tentavam explicar a natureza em favor do saber e da racionalidade instrumental. Tal natureza é, a partir disso, pura objetividade. Essa transformação da humanidade é semelhante ao desenvolvimento humano e os dois são como espelhos.

Na infância, o processo de aprendizagem infantil se dá por intermédio da imitação da alteridade, sendo por ela que ocorre a constituição de si. O desejo do pequeno sujeito é dado pelo outro e, portanto, é o desejo do outro. Todavia, ao longo de seu crescimento, a criança é ensinada e incentivada a abandonar a imitação e ceder lugar à racionalidade⁵⁴. Nesse início, é característico a presença do prazer relacionado à pulsionalidade, o qual será controlado, posteriormente, pela instância fixa do Eu e seu princípio de realidade. É assim que percebemos que na fase mítica os seres humanos eram marcados pela mimese, a qual é descrita como uma forma de adaptação orgânica ao outro. Apesar disso, o esclarecimento não somente substitui a fase

mítica, mas vigia para que a humanidade não recaia nessa fase, sendo, portanto: “[...] momento da dominação oposta à mimese originária [...]”⁵⁵.

Isso nos leva a outro lugar, o qual é: se a mimese é a imitação, ou assimilação – do outro – da natureza por parte do sujeito que anseia por uma aproximação dela, caso haja um movimento em que essa pessoa faça com que o outro pareça consigo – o mundo se torna semelhante ao sujeito – então temos uma mimese da mimese, ou falsa projeção. No momento em que me torno semelhante ao mundo a fim de dominar essa realidade, o estranho se torna familiar, enquanto na falsa projeção o conteúdo interno que salta ao exterior age de modo que o mais familiar dos objetos se torne hostil⁵⁶.

Por projeção entendemos, em psicanálise, a operação na qual o sujeito expulsa de si mesmo em direção a uma pessoa ou as pró-

⁵⁴ Os autores não consideram que a racionalidade seja totalmente contrária à mimese, mas exclui a alma da natureza dominando-a a partir da imitação de sua rigidez e exclusão de si mesmo como animista. Nesse caso, o ser do esclarecimento recalca a mimese e a *ratio* é a mimese do que está

morto, ou a própria mimese (ADORNO; HORKHEIMER, 2014).

⁵⁵ COSTA, Virginia. Op. cit., 2016.

⁵⁶ COSTA, Virginia. Op. cit., 2016; ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014.

prias coisas: “[...] qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’”⁵⁷ estranhos a si. Em acréscimo, Adorno e Horkheimer⁵⁸ exprimem que “[...] conhecer é projetar”⁵⁹, ou seja, para conhecer o mundo é necessário um determinado grau de projeção, uma projeção de si no exterior. Entretanto, a peculiaridade da falsa projeção é a falta de capacidade de diferenciação do que provém de si e do exterior. Nessa confusão, o patológico do comportamento antissemita é a ausência de reflexão, ou seja, não há a devolução ao objeto do que dele se recebeu, resultando em um empobrecimento de si. Isso acrescenta uma falta de reflexão sobre si mesmo, o que acaba retirando do sujeito a habilidade de diferenciar a realidade de si.

Tão cedo a falsa projeção faz emergir um conhecimento equivocado acerca do mundo, logo o sujeito antissemita que projeta falsamente exprime a mentalidade do *ticket*,

na qual seu pensamento sobre as coisas ocorre em blocos, isto é, há a adesão descuidada e passiva de uma realidade social. Tal raciocínio funciona de maneira binária – sim ou não – e é aceito ou rejeitado de maneira bloqueada, diferenças não são bem-vindas. Por conseguinte, o *ticket* antissemita é vendido pelo movimento nazista, que não aceita elementos diferentes e oferece um sujeito na direção de quem é possível projetar falsamente os elementos intragáveis presentes em si. Esse sujeito para os nazistas é o judeu, que, em consequência, é o que há de mais hostil na sociedade, o próprio inimigo diabólico⁶⁰.

O ANTISSEMITISMO DESVELADO EM *O COGUMELO VENENOSO*

Mergulhando no lago sombrio do conteúdo do *Cogumelo*, rodeamo-nos por séries de caracterizações de como é e o que faz

⁵⁷ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 374.

⁵⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014.

⁵⁹ COSTA, Virginia. Op. cit., 2016, p. 468.

⁶⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014; CARNIO, Michel; NEVES,

Marcos. A epistemologia do pensamento autoritário na educação à luz da teoria crítica: contribuições e desafios. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3 (Edição Especial), p. 130-139, 2018; RODRIGUES, Pedro. *A psicologia do sujeito cativo: narcisismo e regressão da consciência*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2015.

um judeu, a fim de que ele seja segregado com mais “eficiência” no seio da sociedade nazista. Ora, ao notarmos esse material voltado ao público infantil, supomos seu caráter educativo em direção ao antissemitismo, o qual é um dos pilares do nazismo, sendo ele – o judeu – o centro da linguagem do Terceiro Reich e de sua cosmovisão⁶¹. Sendo assim, nadar nestas águas requer uma criticidade atenta às especificidades antissemitas que inundarão estas páginas.

Dos judeus é dito que podem ser reconhecidos pelos trejeitos e comportamento. E é assim que o formato de seu nariz é tido como único – “Ele se parece com a forma do número 6”, “*Sie sieht aus wie die Form 6*”⁶² –, a barba grande dos ortodoxos é tida como nojenta, a orelha, o jeito como anda, gesticula, o timbre da voz nasalado, o odor adocicado e enjoativo (*einen Widerlichen, süßlichen Gesuch*) que pode ser bem farejado por um nariz fino, como o dos arianos que figura o ideal estético nazista.

⁶¹ HERF, Jeffrey. *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a segunda guerra mundial e o holocausto*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

⁶² HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939, p. 11 [tradução nossa].

⁶³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014.

Adorno⁶³ nos diz que aquilo que o antissemita considera “o judeu”, por meio de características como as listadas por Hiemer, são aspectos miméticos; e tendo em vista que o modo de vida mimético fora, há muito, abandonado, sua figura é inteiramente condenável. No entanto, no estranhamento das características que foram superadas em nome da civilização, é revelado, em verdade, um desejo onírico por elas, posto que o conteúdo inquietante já foi familiar um dia e só mobiliza o sujeito devido ao seu recalçamento, ou seja, jogou para o inconsciente a representação ligada a uma pulsão cuja realização traria desprazer⁶⁴.

Apesar da suposta visão intragável do judeu que lança mão de impulsos renunciados pela sociedade, há um instante em que é permitido ao perpetrador da violência antissemita se utilizar desses elementos condenáveis, a saber, quando o objetivo do uso é destruí-lo. Sendo assim, embora o sentido do olfato relembre um momento remoto em que a

⁶⁴ FREUD, Sigmund. *O infamiliar/das Unheimliche/Sigmund Freud*; seguido de o homem da areia/E.T.A Hoffman. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019; LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Op. cit., 2001; ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

partir dele os seres pleiteavam um ato de união com a natureza, imiscuindo-se no outro e com ele se identificando, tal como o ato mimético, os antissemitas, com seus finos narizes, almejam identificar um judeu por intermédio de seu olfato⁶⁵.

O estranhamento do judeu é impulsionado pelo nacionalismo que sustenta o pensamento nazista, o qual é uma reação à tentativa de igualdade. Nisso, o privilégio ocorre para aqueles que estão ligados à terra de maneira natal e transgeracional, mas ao estrangeiro não é estendido um direito de cidadania. Ora, o povo é estrangeiro em terra germânica e tem por precursor uma figura duplamente estrangeira, ou seja, Moisés, nem egípcio, nem hebreu. Assim, Hiemer⁶⁶ ressalta:

Uma vez, do Oriente eles vieram,
Sujos, miseráveis, os bolsos vazios estiveram,
Mas após alguns anos
Negócios tiveram

⁶⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014; HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

⁶⁶ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939, p. 15 [tradução nossa].

⁶⁷ Sobre a assimilação judaica ocidental, consultar materiais sobre Iluminismo Judaico (*Haskalá* – השכלה) e o filósofo berlinense Moses Mendelssohn. O livro *Haskalá – O Iluminismo Judaico* de Arnaldo Niskier aborda o assunto.

Hoje eles se vestem de maneira elegante
E há tempo não querem mais ser judeus considerados.

Por isso mantenha os olhos abertos e se lembre:

Uma vez judeu – judeu sempre!

Nesse momento, há o evocar de imagens da diáspora judaica no capítulo intitulado *Como os judeus vieram até nós?*. Nelas, temos a evidência da designação estrangeira dada aos judeus, um povo não ariano proveniente do médio oriente. Porém, a inquietação não poderia ser maior uma vez que, após anos, esse povo se assimilou⁶⁷ e possui diferenças mínimas⁶⁸ nas quais o ódio a eles se ancora. Por conseguinte, “O que repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar”⁶⁹. O que se percebe nas peculiaridades são as idiossincrasias que, resultante de elementos miméticos que foram renunciados pelos antissemitas, são projetadas agora nos

⁶⁸ Pilar central do Narcisismo das Pequenas Diferenças de Sigmund Freud. Para um debate mais acurado, consultar *O Tabu da Virgindade* (1918), *Psicologia das Massas* (1921) e *Mal-Estar na Civilização* (1930).

⁶⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014, p. 172.

judeus. O contato com esse conteúdo recalcado causa o ódio e o anseio por aniquilamento. É o ódio direcionado à idiosincrasia⁷⁰.

Nisso, o judeu que é identificado como aquele que pratica tais idiosincrasias não é considerado enquanto pessoa, posto que não renunciou às estratégias miméticas. Então, Hiemer⁷¹ mostra, por meio de um personagem infantil, em seu capítulo intitulado *Como um camponês alemão foi retirado de sua casa e fazenda*, a exclusão de judeus como a exceção. A criança afirma que quando tiver uma propriedade, ela sempre pensará em seus vizinhos, exceto se esses forem judeus.

Na idiosincrasia projetada ao judeu encontramos as características enganadora, trapaceira, astuta e ardilosa, as quais são atribuídas ao diabo na Bíblia cristã e aqui possuem um papel similar, já que a cosmovisão cristã banha o ideal nazista de mundo. Dessa forma é repudiado o atributo demoníaco primeiro surgido entre as relações humanas, ou seja, a astúcia da cobra, a mentira que engana

Eva e Adão e o anseio de se tornarem similares à natureza (divina) ao esperar que a maçã os tornasse como D'us. Entretanto, esse não é o único elemento intragável, mas o deicídio e a traição de Judas, sendo ambos desempenhados por judeus⁷². Sendo assim, a imagem do judeu é construída a partir do traço diabólico repugnante ao nazista.

O demônio é como a figura tentadora que desperta a inconformidade e os desejos recalcados. A figura demoníaca era como os anjos, senão um dos maiores, e se transforma nessa figura funesta após uma tentativa de ser maior ou como o próprio D'us. Assim como na alegoria, os judeus que tentaram se assimilar ao máximo dentre a cultura alemã agora são demonizados pelas pequenas divergências que possuem. Logo, ele é como o grande Mal cristão a respeito do qual é necessário identificar e combater. É como a destruição dos justos preconizada bíblicamente: “Pois os judeus querem destruir a nós alemães”⁷³. Mas, antes de tudo, neces-

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939.

⁷² PEREIRA, Wagner. Op. cit., 2014.

⁷³ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939, p. 31 [tradução nossa].

sita de um Salvador para que os irmãos unidos em uma comunidade vençam efetivamente.

Com efeito, o antissemitismo renega o seu viés religioso, mas demonstra seu profundo elo com a religião. Em lugar daqueles que pelejam em favor de sua religião, temos os fanáticos nazistas que também podem ter ódio para com aqueles que não partilham da mesma “fé”, ou não se encaixam em seus mandamentos⁷⁴.

O desejo de eliminação revela o direcionamento religioso presente na propaganda dissecada no *Cogumelo Venenoso*, pois é a luta contra o mal e o anseio por extirpá-lo para alcançar a paz e a felicidade da comunidade que a isso aspira. Assim, as imagens evocadas do judeu sedento por sangue em *Como um camponês alemão foi retirado de sua casa e fazenda* ou sendo lembrado pela crença dos assassinos rituais em *Como os judeus maltratam os animais* nos falam sobre pontos insuportáveis que devem ser eliminados do seio da sociedade, mas, acima de tudo, revelam o desejo

de sangue do próprio antissemita, o qual é justificado racionalmente na eliminação do “elemento indesejado”⁷⁵.

A paz virá e quando vier será pela eliminação do inimigo judeu, associado pelos arianos ao conhecimento marxista em que a sociedade é vista a partir da lente da luta de classes que, por conseguinte, é como o motor do modo de produção capitalista. No entanto, tal modelo social e econômico é, segundo a mundividência nazista, implantado pelo judeu. Assim, caso ele suma, irá junto dele o raciocínio da luta de classes. Essa é a ideia do judeu internacional, na qual há um complô extramuros, portanto estrangeiro, contra a Alemanha. A figura internacional justifica a violência desenfreada⁷⁶.

Isso nos traz à memória o posicionamento antiglobalização⁷⁷ que nesse mesmo raciocínio transfere seu repúdio aos movimentos de cunho internacional, bem como a reação a movimentos que tem em sua base o ideal de igualdade social. Dessa maneira, o antissemitismo não sobrevive sem o dirigido

⁷⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014.

⁷⁵ HIEMER, Ernst. Op. cit., 1939; Ibid.

⁷⁶ HERF, Jeffrey. Op. cit., 2014.

⁷⁷ O livro *Mein Kampf* (1925) de Adolf Hitler aborda isso, assim como o *A Doutrina do Fascismo* (1932) de Benito Mussolini e Giovanni Gentile.

ódio ao alvo judaico, fato que demonstra a atuação da falsa projeção.

No cerne desse mecanismo, o nazismo da propaganda do Cogumelo Venenoso projeta na figura do judeu elementos de sua própria essência como uma forma de defesa do seu próprio funcionamento narcísico de similaridade paranoica. Os pontos negativos inaceitáveis ao sujeito antissemita são recalçados e, na presença do judeu, falsamente projetados. Assim, o judeu é como que pregado na cruz e, por meio de um assassinato ritual, o mundo seria remido de todo o mal que o assola na figura diabólica do judeu, uma vez que: “Sem uma solução para a questão judaica, não há salvação para a humanidade”⁷⁸. Sendo assim, a performance antissemita é como um “ritual da civilização”, pois anseia por retirar da sociedade aquilo que resiste ao esclarecimento e remonta aos modos de vida

miméticos a que o nazista alemão renunciou para que sua nação se tornasse uma das referências em produção intelectual e científico-industrial. Apesar de todo o esforço, tal praxe⁷⁹ é como: “[...] os verdadeiros assassinatos rituais”⁸⁰.

Nesse ideal, o livro de Ernst Hiemer é um *ticket* vendido àqueles que decidiram apoiar o nazismo. Sua obra entrega um pacote de pensamentos que compõem o movimento nazista e que devem ser aceitos, posto que não há espaço para a igualdade entre diferentes. Nesse raciocínio, o homem ariano é entendido como superior aos demais povos e a característica de um movimento no qual todos os seus seguidores precisam pensar da maneira mais similar possível é elemento característico dos movimentos de massa a partir do século XX⁸¹.

⁷⁸ HIEMER, Ernst. Op. cit., p. 56, [tradução nossa].

⁷⁹ Adorno cita os *pogroms* em específico, os quais se caracterizavam por um conjunto de violências dirigido a uma comunidade étnica ou religiosa. O termo tem origem na Rússia czarista e significa “destruir violentamente” ou “causar estragos”. O uso do vocábulo se torna mais popular a partir do assassinato do czar Alexandre III por revolucionários, dentre os quais se encontrava uma jovem judia, fato que intensificou uma história de vio-

lência antissemita realizada há séculos no território. Para entender mais sobre o assunto, consultar a obra de Howard Sachar de nome *The Course of Modern Jewish History*, ou a de Raul Hilberg intitulada *A Destruição dos Judeus Europeus* e a de Marcos Margulies chamada *Os Judeus na História da Rússia*.
⁸⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. cit., 2014, p. 81.

⁸¹ BARROS, R.; JOSEPHSON, S. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur; PORTUGAL, Francisco. (Orgs.). *História da*

Para Freud⁸², em todas as relações há um sedimento de afetos de amor e ódio que os qualificam como ambivalentes. Porém, se nos voltarmos para a massa unida a partir da identificação de todos com algum elemento em comum, nossa primeira constatação é a de que no interior dela não há espaço para a hostilidade que é, assim, projetada para fora, ou seja, para um outro que se encontra fora desse grupo. Daí que esse outro odiado pode ser aquele que inspira estranhamento. Em definitivo, a mentalidade do *ticket* tem como sua via principal a raiva pulsante pela divergência surgida no interior do movimento nazista que, antes de tudo, prega a nazificação do mundo: “... Hoje a Alemanha é nossa! Amanhã será o mundo todo!”⁸³.

Dentro da mesma ideia, o *Cogumelo Venenoso* é o próprio *ticket* antisemita materializado e vendido ao público infantil para que as primeiras gerações cresçam aderindo à realidade oferecida pelo movimento nazista e reproduzindo seus slogans. Esse é o intento

da formação de identidade por meio da alienação⁸⁴. Ele vende o ódio desmedido que move as engrenagens do nazismo para que ele possa funcionar, nazificar a sociedade da primeira metade do século passado e das décadas posteriores por meio da herança e recrudescimento do pensamento de tradição nazista ou fascista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No regime do Terceiro *Reich*, a propaganda se tornou uma verdadeira máquina de grande rendimento agindo em favor da formação e adesão de mais pessoas ao conjunto de pensamento nazista. O livro *Cogumelo Venenoso* é, nesse imbróglio, uma das literaturas de propaganda fundamentais produzidas pelo partido nazista a fins de educação ideológica. A ideia era, portanto, oferecer um conjunto de reflexões violentas a respeito de uma das pedras angulares do nazismo: o antisemitismo.

Para entender a obra de maneira crítica, um percurso foi trilhado que vai desde

psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2008, p. 441-461.

⁸² FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*: (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 12).

⁸³ LUTES, Jason. *Berlim*. São Paulo: Veneta, 2020, p. 522.

⁸⁴ ROSENBERG, Matthew. Op. cit., 2014.

os primórdios do povo hebreu no mundo antigo, passando por sua diáspora e consequente convivência com uma série de xenofobias e preconceitos, até chegar no moderno antissemitismo e suas implicações na Idade Contemporânea até a ascensão nazista. Após isso, um resumo minucioso é feito da obra de Hiemer e, em seguida, um resumo da obra do antissemitismo de Adorno para explicar conceitos e partes fundamentais de serem apresentadas antes de qualquer discussão, a saber: esclarecimento, mimese, projeção e mentalidade de *ticket* e falsa projeção.

Pela lente adorniana, percebemos que o judeu é associado a imagens miméticas o que faz com que seja repellido, visto que há muito tempo a civilização abandonara o estilo de vida mimético. Além disso, o judeu é recusado como estranho estrangeiro que carrega este título por suscitar questões não resolvidas e familiares àqueles que os excluía. É neste raciocínio que a figura do judeu é demonizada e segue a ideia de comparação demoníaca do antijudaísmo da Idade Média e Moderna. Logo comparamos o nazismo com os sistemas religiosos, por mais que eles não quisessem se denominar desta forma. Na ideia religiosa, o judeu é como a encarnação

do próprio mal e o mundo precisa de salvação, bem como de um salvador. Por fim, o ideal antissemita é apresentado como um *ticket* e assim vendido ao público infantil.

O ódio ao judeu que é característico da obra pode ser, então, abordado das mais diversas maneiras, mas nos chama a atenção a possibilidade de leitura a partir da Teoria Crítica, pelo olhar de Theodor Adorno e Max Horkheimer cujas vidas ocorreram contemporaneamente à ascensão e implementação do regime nazista, e sobre quem as mãos desse Estado pesou, se consideramos suas origens judaicas. Por isso, a obra da chamada primeira geração dessa teoria acaba por refletir diversas vezes sobre o fenômeno do fascismo e nazifascismo que estavam se desenvolvendo no momento da escrita de tais trabalhos. É o caso do antissemitismo integrado à obra da *Dialética do Esclarecimento*.

A partir da leitura conjunta do livro de Ernst Hiemer e da obra de Adorno e Horkheimer, verificamos que ler o *Cogumelo Venenoso* é como visualizar um exemplo de tudo aquilo que os autores compreenderam, pois o *Cogumelo Venenoso* é a própria mentalidade de *ticket* nazista. Ele oferece não só os

elementos para um pensamento segregacionista, mas as ferramentas de identificação daquilo que é diferente de sua doutrina. O *ticket* antissemita oferecido por essa obra nazista sustenta a própria mentalidade bloqueada que procura jogar em algum inimigo as inquietações de si mesmo, já que o nazismo, rígido em sua doutrina militar, não aceita dissensões, posto que são um só povo – *Ein Volk, ein Reich, ein Führer*⁸⁵.

Para além disso, o livro se vale de uma estrutura discursiva similar àquela que eles rejeitam no judeu. Uma delas é a religiosa que acusa um grupo também religioso, identificando os judeus enquanto figuras diabólicas e adotando a crença em uma salvação, pois é após a exclusão dos judeus que o mundo será remido. Dessa forma, para identificar um judeu, lançam mão de estratégias miméticas com a justificativa de resolver a Questão Judaica.

O livro é, assim, um ataque propagandístico violento contra os judeus, a partir de um juízo criado pelos nazistas, sem o conhecimento acerca daqueles que eram seus vizinhos. Pois que pelo uso da falsa projeção,

não há um conhecimento do mundo que considera a voz do outro, mas só a sua própria concepção. Este texto revela, enfim, a falta de diferenciação entre os limites de si e do outro, pois a partir disso surge a dominação, exclusão e assassinato desse outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

BARROS, R.; JOSEPHSON, S. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur; PORTUGAL, Francisco. (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2008, p. 441-461.

CARNIO, Michel; NEVES, Marcos. A epistemologia do pensamento autoritário na educação à luz da teoria crítica: contribuições e desafios. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3 (Edição Especial), p. 130-139, 2018.

COSTA, Raquel. Este artigo sangra história: a mentalidade da sobrevivência em Maus de Art Spiegelman. *Revista Poder & Cultura*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 295-322, 2020.

COSTA, Virginia. Idiossincrasia, mimese e antissemitismo em “dialética do esclarecimento”. *Sofia*, Vitória, v. 5, n. 2, p. 463-474, 2016.

⁸⁵ Famoso slogan nazista que significa: Um povo (*Volk*), um reino (*Reich*), um líder (*Führer*).

FREUD, Sigmund. *O infamiliar/das Unheimliche/Sigmund Freud*; seguido de o homem da areia/E.T.A Hoffman. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos: (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. (Obras completas, v. 12).

HERF, Jeffrey. *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a segunda guerra mundial e o holocausto*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nürnberg: Stürmer Verlag, 1939.

LANGENSCHIEDT. *Langenscheidt Praktisches Wörterbuch*. München: Wörterbuch-Verlag, 2015.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUTES, Jason. *Berlim*. São Paulo: Veneta, 2020.

PEREIRA, Wagner. Prefácio à edição brasileira: nazismo e o inimigo judeu. In: HERF, Jeffrey. *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a segunda guerra mundial e o holocausto*. São Paulo: Edipro, 2014, p. 13-34.

RODRIGUES, Pedro. *A psicologia do sujeito cativo: narcisismo e regressão da consciência*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2015.

ROSENBERG, Matthew. *Fantasy and Hate: a fantasy theme analysis of der Giftpilz*. 2014. Dissertação (Estudos Interdisciplinares em Artes) – Oregon State University, Oregon, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHILLING, Voltaire. *Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista*. Porto Alegre: Age Editora, 2016.

SILVA, Eduardo; CAUX, Luíz. Uma pré-história filosófica do antissemitismo: Adorno e Horkheimer sobre a genealogia do ódio antissemita. *Problemata: International Journey of Philosophy*, Paraíba, v. 10, n. 4, p. 255-272, 2019.

WISTRICH, Robert. *Hitler y el holocausto*. México: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015.

Artigo recebido em: 05/01/2021 ♦ Artigo aprovado em: 19/02/2021